

MULHERES: Reintegração ao mercado de trabalho após a licença maternidade

WOMEN: Reintegration to the labor market after maternity leave

*Nádia Thomaz da Silva*¹
*Yasmin Gomes Casagrande*²

RESUMO

São diversos os fatores que dificultam ou contribuem para a recolocação da mulher no mercado de trabalho, porém percebe-se que as mulheres podem não compreender que o seu profissionalismo não termina com o afastamento de 4 a 6 meses de licença, que podem avançar.

PALAVRAS-CHAVE: Desafios. Profissionalismo. Mãe.

ABSTRACT

There are several factors that hinder or contribute to the replacement of women in the labor market, but it is clear that women may not understand that their professionalism does not end with the withdrawal of 4 to 6 months of leave, which can go forward.

KEYWORDS: Challenges. Professionalism. Mother.

* * *

Introdução

Mulheres têm conquistado um espaço produtivo admirável e seus objetivos são a cada dia mais elevados e alcançáveis, empresárias, cargos de confiança, diretorias, presidências são algumas das colocações hoje ocupadas por mulheres das mais diversas formações. A capacidade feminina já foi por diversas vezes subestimada, mas provou-se que a mulher já estabeleceu uma relação de confiança e bastante duradoura com o mercado de trabalho.

Alguns confundem o trabalho feminino com as funções domésticas, os cuidados com a família e a casa, já outros entendem que ele envolve as

¹ Administração pela Faculdade Estácio de Sá. E-mail: nadia_thomaz@hotmail.com

² Doutora em Administração pela UFMS. E-mail: yasmin_casagrande@yahoo.com.br.

atividades remuneradas realizadas no próprio domicílio e mesmo a participação das mulheres no mercado de trabalho. Neste último sentido o trabalho chegou a ser questionado como elemento impeditivo das ditas “funções naturais” das mulheres, as de mãe e esposa. Entretanto, basta olhar com atenção a história para ver que as mulheres sempre trabalharam, mesmo que, em várias situações, seu labor não fosse tão evidente ao confundir-se com os ofícios coletivos e familiares (MATOS, BORELLI, 2012 p. 126).

Com tantas indagações vê-se que muitos sonhos são adiados, a maternidade também é uma conquista, programá-la é necessário para que o impacto dessa mudança na vida da mulher e da família traga mais felicidade que preocupação.

Diniz (2012) menciona as “fazedoras de anjos”: senhoras com saberes homeopáticos, chás que evitassem a gravidez ou o nascimento, tomaram conta do convívio com o saber médico das universidades de Medicina no Brasil.

Muitas mulheres fazem desse um momento de inovação, planejam seu próprio negócio, a mudança de empresa ou de cargos, desejam novos desafios, outras apenas retomam do ponto em que pausaram a vida profissional.

Está em pauta a vida profissional, pois entende-se que somente a profissão fica interrompida, a vida pessoal e familiar permanece em constante ritmo, até mais acelerado com a chegada dos filhos. Algumas também optam por permanecer um tempo fora do mercado de trabalho para que seja um momento de interação e acompanhamento do desenvolvimento de seus filhos, enquanto outras saem da maternidade já pensando que no dia seguinte tem um turbilhão de coisas para organizar e realizar entre casa, filhos e empresa.

A relação entre o mercado de trabalho e a vida pessoal da mulher é um desafio que deve ser pontuado e problematizado na busca pelo seu bem-estar. Uma vez que há preocupação com a consciência social em relação a esse desenvolvimento das suas atividades é possível determinar melhores ações para que haja uma melhoria da sua qualidade de vida.

Para tanto, pretendeu-se responder ao questionamento: Quais as possíveis dificuldades para reingressar ao mercado de trabalho após a licença maternidade na cidade de Campo Grande-MS?

1 Trajeto de vida

Os sonhos para uma vida podem não ser o que se reproduz nela, muitos deles são substituídos por falta de oportunidade, tempo ou preparação profissional. Desde a infância os sonhos são diversas vezes sonhados, profissões escolhidas e recolocadas, objetivos são traçados e demudados o tempo todo durante a adolescência até a vida adulta.

Ao atingir a maturidade é que se pode entender por que por tantas vezes mudou-se a profissão que deseja seguir desde a sua infância. A vida poderá se transformar e levar indivíduos as mais diversas opções, e obrigações, sendo assim algumas profissões são designadas pelas oportunidades, outras pela necessidade, e ainda outras são realizações de sonhos.

O processo para a profissionalização da mulher não foi simples, é sabido que somente em 1827 a mulher conseguiu permissão para entrar na escola, porém a educação para a mulher avançou somente no ano de 1971, quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) atribuiu o direito a cursos secundários para mulheres, só então pode se profissionalizar para ingressar no mercado de trabalho almejando cargos mais promissores.

Longo foi o processo para permissão legal do acesso geral e irrestrito das brasileiras na educação escolar. Autorizada em 1827 pela Lei Geral do Ensino de 5 de Outubro, mas restrita às escolas femininas de primeira letra, a educação das mulheres só conseguiu romper as últimas barreiras legais em 1971 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que atribuiu equivalência entre os cursos secundários. A partir de então, o curso normal secundário, ramo intensamente freqüentado pelas mulheres desde o fim do século IXI, não foi discriminado apenas por ser um curso

profissionalizante, mas passou a possibilitar, também, o acesso ao ensino superior. A partir de então, as inúmeras normalistas poderiam ingressar na academia. E foi assim que fizeram (ROSEMBERG, 2012 p. 334).

As dificuldades podem não ter inibido o desejo de crescimento da mulher, acredita-se ter trazido mais aspiração de romper as barreiras para conquistar seu espaço na sociedade.

2 Escolhas

Quando a mulher atinge o amadurecimento é que se percebe se a escolha foi assertiva ou somente um caminho seguido pelas oportunidades encontradas, será esse o momento de mudar, pois sempre haverá tempo para que novos rumos sejam tomados.

No século XX ocorreram diversas mudanças que refletiram nas relações e na educação. Até então crianças não faziam escolhas, hoje os futuros adultos podem fazê-las e até mesmo fazem teste de aptidões que demonstram suas indisposições (Zagury, 2003 Apud Gomid, 2009).

Esses paradigmas foram quebrados, em séculos anteriores a mulher não tinha a liberdade de escolha, ela apenas devia seguir o curso natural, crescendo, cuidando dos afazeres da casa, posteriormente casava-se e passava seus dias ao lado de seu esposo e filhos, mas a história da mulher foi mudada após a revolução dos anos de 1950, no momento em que a mulher despertou para o mercado de trabalho, é a partir de então que a maternidade pode ter dado início a uma série de questionamentos.

Sendo introduzida fortemente no mercado de trabalho como título de cuidadora e provedora, modelo em que o novo e importante papel poderá trazer mudanças no âmbito familiar. Funções antes consideradas femininas podem adaptar-se, homens se dispuseram a participar das tarefas domésticas. Na família em que o homem se mantém somente como provedor, a mulher poderá sobrecarregar-se, tendo em vista que entre os intervalos de

sua atividade profissional se dividirá entre atividades domésticas e cuidados maternos. Constantemente encontram-se mulheres que têm as duas funções, porém não possuem apoio familiar (Gomid, 2005 apud Gomid, 2009).

No momento em que a mulher passou a integrar dois papéis dentro do âmbito familiar é que se indaga se ela possui um peso maior na educação dos filhos, esse é um dos motivos que pode fazer com que seus projetos mudem após a maternidade. O desejo e o peso de participar do crescimento e da orientação dos filhos é talvez o papel mais difícil, mas também pode se tornar leve quando se tem princípios, não deixando a responsabilidade menor, pois os pais estão os preparando para o mundo.

Os filhos demonstram-se bastante dependentes desde o nascimento, e ao contrário do que muitos pensam a licença maternidade (4 meses) pode não ser tempo o bastante para que o filho já possa estar longe da família, principalmente da mãe, e quando a mulher não está presente ela tende sentir-se incapaz.

Chadorow (1978) apud Gomid (2009) defendeu que a maternidade não faz com que a mulher perca a sua individualidade, nesse pensamento movimentos e estudos foram repensados.

Desta forma a mulher pode tornar-se bastante forte e flexível, moldar-se ao longo dos anos para que seus projetos não sejam substituídos e sim adaptados, pode ser uma opção. Ser mãe também talvez seja um projeto ou a realização de um sonho da família, quando a gestação é programada os obstáculos devem existir, porém podem ser avançados mais naturalmente. Não deixar a graduação, a profissão ou planos traçados talvez faça com que a mulher tenha subsídios para tornar a tarefa de ser mãe mais leve, dessa forma ela poderá assegurar que seus filhos tenham proteção, saúde e educação.

3 Fator depressão

Doença bastante presente durante a gestação ou após o parto, a mulher se vê diante de novas circunstâncias, dúvidas, insegurança, ansiedade, falta de companheirismo, tarefas sobrecarregadas, esses são alguns dos fatores que podem contribuir com a depressão pós-parto, a doença pode fazer com que a mulher perca sua referência, trazendo resultados negativos adiando seu retorno à vida profissional, um mal que pode estar afetando uma grande proporção da sociedade.

A depressão pode não ter relação só com o pós-parto, a doença pós-aborto também pode promover danos iguais ou tão maiores que na circunstância anterior. Alguns dos indicativos para essa doença são: condições socioeconômicas e afetivas, drogas e prostituição. A falta de orientação sexual, de apoio familiar também tem relação com os altos índices de abortos.

Mariutti, Fugerato (2010) mencionam que quando o aborto é provocado ele causa ansiedade, depressão, culpa e vergonha por até 5 anos, quando são abortos naturais causam depressão e ansiedade apenas durante os seis primeiros meses, enquanto os provocados trazem efeitos mais maléficos e duradouros. Informações bastante criticadas por grupos pró-aborto que negam haver ligação direta com traumas psicológicos.

A depressão pode afastar mulheres do mercado de trabalho e trazer com ela outras doenças ou consequências. A prevenção pode ser o mais indicado, é necessário que a mulher receba ajuda médica e seja assistida, pequenos sintomas são relevantes para diagnosticar a doença, a presença da família é primordial para a recuperação e reintegração da mulher na sociedade.

4 Papéis

4.1 Materno

Anteriormente, quando os valores das mulheres eram questionados, sua maior estima era a maternidade, se a espécie não perpetuasse a mesma

poderia ser considerada anormal, e seguindo esse pensamento as universidades eram compostas por homens, como se só eles possuíssem capacidade ou inteligência intelectual para atuar profissionalmente. Quando os primeiros movimentos feministas surgiram dando a chance da mulher se colocar na sociedade, foi então que ela pode perceber que era o suficientemente competitiva para compor o mercado de trabalho.

O ingresso da mulher no econômico representou o detonador de muitas considerações da estrutura social e mesmo do panorama psico-social-cultural que vivemos hoje. Mas não podemos nos iludir de que isto já é todo o caminho (BAPTISTA 1995, p. 24)

Hahner (2012) menciona que alguns homens de elite defendiam o confinamento doméstico de mulheres de suas famílias, se certificando de que as mesmas seriam mais bem protegidas da sedução ou do assédio sexual, sendo mais vulneráveis as mulheres das camadas mais populares, diante disso entende-se que a honra feminina estava ligada a classe social.

Hahner (2012) ainda refere-se a um provérbio onde se narra que mulheres virtuosas só saiam de casa em apenas três ocasiões: para ser batizada, casada ou enterrada. Entende-se que o universo feminino era doméstico. Em outro tempo mesmo as mulheres de classes sociais mais elevadas tinham opções disponíveis intimamente ligadas à família, tendo esse costume, o que se esperava era que a mulher tivesse dezenas de filhos, dessa forma, muitas crianças morriam já no nascimento tendo em vista que muitas gestações não eram assistidas. Com o passar do tempo esses paradigmas foram desfeitos e abolidos, nos dias atuais gravidez é uma escolha que pode ser muito desejada ou programada para que a vida amorosa, materna e profissional possam se entrelaçar.

Bem definido o espaço da mulher, domínio da mãe e profissional, um campo mais complexo da feminilidade, parte-se para o momento em que a mulher idealiza ter um filho, porém programar não é garantia de que tudo dará certo de imediato, percebem-se diversas mulheres que tiveram gestações

que no primeiro momento eram indesejadas, porém os filhos vieram para fortalecer e ajustar a vida da mãe ou até mesmo da família.

4.2 Paterno

Inicialmente define-se o homem como um coadjuvante nesse processo, mas esse pensamento é errôneo, precisa-se entender que o homem não tem a função de colaborador e sim de divisor das tarefas, pois ele faz parte do mesmo papel dividindo lares, sentimentos e responsabilidades, e em muitos momentos percebe-se que eles entendem que a realização de uma tarefa doméstica é motivo de compensação, que a cada copo lavado, necessita receber um agradecimento ou elogio para que ele se sinta incentivado a repetir aquele ato, quando sabemos que isso é dever de qualquer ser, quando se divide uma casa.

Raros são os homens que se colocam efetivamente disponíveis para uma reavaliação das tarefas do casal ou para uma abertura interna em direção a esse feminino. Frequentemente o “sacrifício” toma ares de “favor” e tem seu preço.(BAPTISTA 1995, p. 36)

Entende-se que a divisão de responsabilidades contribui para que a mulher retome a vida profissional após a licença maternidade. A possibilidade de dividir os momentos pode trazer segurança para que a mulher desempenhe um bom papel em sua profissão, dessa forma assegura-se que ela se sinta tranquila, pois em todas as tarefas ou necessidades emocionais de seus filhos ela tem que a substitua exemplarmente. Esse fator é tão importante quanto ter uma terceira pessoa de confiança para cuidar da casa e dos filhos na ausência dos pais.

Pergunta-se por diversas vezes se o papel do pai é tão ou mais importante que o da mãe dentro do núcleo familiar, não pela segurança financeira, tem maior relevância a estabilidade emocional da mulher e dos filhos. Quando a família “esposa e filhos” estão bem assistidos, garante-se felicidade conjugada. Porém sabe-se que o mundo ainda bastante machista

pode bloquear a participação ativa do homem na vida conjugal, o medo de perder o seu espaço pode produzir bloqueios, o que parece desinteligência, sabendo-se que a mulher independente profissionalmente ajuda a prover as necessidades e crescimento patrimonial do casal.

Chegando ao momento atual, a mulher se encontra herdeira de uma situação bastante peculiar: uma identidade calçada no papel da maternidade ao qual às vezes rejeita como algo antigo, não mais socialmente valorizado, “careta”, mas que também sente como uma experiência importante e significativa; ao lado disso a atividade profissional também lhe proporcionando uma identidade própria, socialmente (super-) valorizada, mas lhe trazendo uma certa insatisfação de incompletude. (BAPTISTA 1995, p. 38).

Entende-se que para a mulher a ausência na família pode trazer fragilidade, mas também fortalecer a personagem profissional e mãe, ao perceber que é aquele o momento de construir o caminho que escolheu trilhar, a falta pode não ser preenchida, mas pode ser amenizada. Gestos de carinho e compreensão retribuídos fazem com que as longas distâncias pareçam menores do que realmente são.

Baptista (1995) menciona que por muitas vezes a mulher exerce esse papel duplo, mas sente-se mal por não estar ao lado dos filhos e quando em casa sente-se incompleta e com extrema necessidade de exercer o seu profissionalismo, e se envolver menos com as atividades domésticas, assim ela vive e convive com sua própria ambiguidade, essa confusão de sentimentos pode tornar a mulher vulnerável e manipulável.

Escolhas feitas devem ser vividas na sua plenitude, adaptações, conquistas e novos desafios deverão fazer parte de uma nova caminhada, mesmo que penosa, poderá ser a que lhe trará maior satisfação.

No pensamento de Baptista (1995) a maternidade não deve ser algo que impeça ou limite a mulher de exercer a sua vida profissional, assim como o

trabalho não deve impedi-la de realizar o sonho de ser mãe. Muitas mulheres vivem o momento de escolha, “ou um ou outro”, porém o momento é de integração “um e outro”, trata-se, portanto, de outra escolha, como viver individualmente cada uma dessas plenitudes se ambas se compõem e se entrelaçam numa totalidade.

Gomid (2009) refere-se à mulher como um modelo de modernidade, tendo a capacidade de ser esposa, mãe e profissional, numa realidade inconfundível e admirável. Atribuições irreversíveis e apreciadas, quando pensa-se que a mulher se divide em todas essas funções para conseguir manter-se no centro da família.

É o momento em que a mulher pode ter nas mãos a graça de viver uma realidade transformadora trazendo o encontro dessas duas oportunidades que é a vivência da maternidade podendo ter uma vida profissional ativa no mercado de trabalho, realizando, conquistando, aprendendo e ensinando.

5 Método

O estudo foi realizado na cidade de Campo Grande-MS, que segundo o Censo IBGE (2010) a população feminina de Campo Grande-MS representa 405.464 do total de 786.797 habitantes.

Esta pesquisa delimitou-se em coletar informações para entender e permitir identificar fatores que contribuíram ou dificultaram para que mulheres que passaram pela experiência da gestação ou da maternidade pudessem retornar ao mercado trabalho após a licença.

Levantamento de dados através de questionário, permitindo que os resultados encontrados sejam analisados e demonstrados por meio de gráficos, tabelas e comparações.

Como pré-teste o questionário foi aplicado a uma mãe formada em Processamento de Dados, Administração de Empresas, Pós Graduada em Banco de Dados, MBA em Gestão de Projetos, tendo ela a permissão de avaliar e sugerir alterações relevantes e pertinentes ao tema.

O questionário aplicado possui 20 questões sendo 18 fechadas e 02 abertas, direcionado a amostra de 230 pessoas, ao término da pesquisa foi realizada a limpeza nos resultados, excluindo 24 respostas incompletas, com confiabilidade de 95% e erro amostral de 6,83% na cidade de Campo Grande-MS no período de 19/09/2017 a 03/10/2017.

6 Discussão dos resultados

Dentre as mães que participaram desta pesquisa 1% tem até a 4ª série do ensino fundamental, 7,8% têm até a 8ª série do ensino fundamental, 4,4% não concluíram o ensino médio, 22,9% possuem o ensino médio completo, 24,4% têm a formação superior, o percentual 20,8% não concluiu o ensino superior, os demais 19,7% possuem pós-graduação ou mestrado.

Ao visualizar os dados percebe-se que as mulheres entrevistadas que recebem entre 1 e 2 salários mínimos 35,8% predominam, em segundo lugar entre 2 e 5 salários mínimos com 30,1%, em seguida 14,1% recebem até um salário mínimo, em quarto 11,1% recebem entre 5 e 10 salários mínimos, em seguida 4,4% mencionaram não possuem renda, em sexto lugar 2,9% recebem entre 10 e 15 salários mínimos e apenas 1,6% recebem acima de 15 salários mínimos.

Percebe-se que entre as mulheres entrevistadas as que possuem rendas maiores têm o grau de escolaridade mais elevado para as que recebem entre 2 e 5 salários mínimos o índice de 9,3% possuem o ensino superior completo e 9,3% são pós graduadas, 5,8% ainda não concluíram o ensino superior e 5,7% possuem o ensino médio. Para as entrevistadas que recebem entre 5 e 10 salários mínimos o índice de 5,4% possuem pós graduação, 3,4% têm o nível superior completo, 1,8% ainda não concluíram o ensino superior e 0,5% possuem o ensino médio ou de 5ª a 8ª série. Dentre as entrevistadas que recebem entre 10 e 15 salários mínimos 1,4% são pós-graduadas, 0,5% tem o superior incompleto e 1% possuem somente o ensino médio. Ainda sobre a

faixa salarial 1,6% das mães que participaram da pesquisa têm a renda entre 15 e 20 salários mínimos, sendo todas elas pós-graduadas.

Percebe-se que entre as entrevistadas 51,3% não planejaram a gestação e que 45% das mães têm como preocupação inicial a saúde da criança, em segundo lugar fica relacionada à criação do bebê com 30%, em terceiro lugar situação financeira com 17,4%. Dessa forma percebe-se que a dispensa após a licença maternidade não tem influência quando se descobre a gestação tendo em vista que para esse dado o índice de resposta foi de 0,49%. Ressalta-se ainda que dentre as entrevistadas 10,2% responderam que tiveram depressão pós-parto, 3,4% acreditam que a doença não influenciou no retorno ao mercado de trabalho, 3,9% responderam que talvez tenha prejudicado e 2,9% afirmar que foi prejudicial.

O percentual de 89,4% das entrevistadas exerciam atividade profissional antes da gestação, apenas o índice de 11,6% não trabalhavam, dentre as mulheres que exerciam profissão 51,3% responderam que não houve mudanças em seus projetos profissionais após a gestação, para o índice de 47,4% as entrevistadas afirmam que tiveram que readequar a vida profissional após a maternidade, o percentual 1,3% não respondeu.

Dentre essas readequações estão respostas como adiamento de especializações (pós-graduação ou mestrado), abertura do próprio negócio, passou a exercer uma atividade de $\frac{1}{2}$ período, mudança de cargo (não dependia de viagens), nova ocupação com flexibilidade de horários, algumas não voltaram a trabalhar, e para outras mães os filhos foram incentivos para sua formação.

O índice de 46,9% das entrevistadas não retornou ao mercado de trabalho após a licença maternidade, 46,4% retornaram normalmente e 6,7% não responderam.

Observou-se que 24,4% das entrevistadas tiveram como primeiro cuidadores de seus filhos as babas, 11,2% optaram por creches particulares, 13,1% optaram por creches particulares, 10,2% não responderam, as demais

mães mencionaram que tiveram seus familiares como apoio para que acontecesse o retorno ao mercado de trabalho.

Ainda além, 78% responderam que não foram promovidas, enquanto 11% receberam a promoção e 11% não responderam. Das mulheres que não receberam promoção, 13,8% acreditam que o motivo é ter filhos pequenos (opção “sim”) e 31,9% acreditam que esse pode ter sido o motivo (opção “talvez”) e 48,2% não consideram que filhos são a causa de não serem promovidas, o índice de 6,1% não respondeu.

Para o percentual de 70% das mulheres entrevistadas os empregadores (ou a sociedade) enxergam os filhos como obstáculos para o crescimento profissional da mulher.

Dentre as entrevistadas, 51,5% retornaram ao seu emprego após a licença, 19,2% tornaram-se autônomas, e 24,9% das mulheres não retornaram ao mercado de trabalho sendo que 99,9% delas sentiram-se frustradas por passar a depender dos companheiros.

As mães entrevistadas 69,5% não consideram que tiveram a evolução profissional prejudicada por terem filhos, porém 26,7% acreditam que se não tivessem filhos teriam outra realidade, dentre os resultados 3,8% não responderam.

Dentre as mulheres entrevistadas que responderam à questão aberta em que foi indagado se consideravam que sua evolução profissional (ou oportunidades de trabalho) foi prejudicada (ou diferente) das outras mulheres que não têm filhos, as respostas foram amplas, sendo algumas delas anular a vida acadêmica para dar uma criação digna aos filhos, outras acreditam que foi importantíssimo conciliar a maternidade com o trabalho, e que a mulher não deixa de ser profissional quando se torna mãe, algumas se consideram discriminadas e que esse fato diminui a autoestima tornando-se outro obstáculo a ser superado, tendo também respostas de quem considera que a evolução profissional depende da busca pessoal em capacitação.

Há também quem considere que a sociedade prefere pessoas sem compromissos (filhos) que possam prejudicar a evolução da empresa (devido

ao fato de crianças poderem ficar doentes e as mães se afastarem causando assim prejuízo à empresa), também existem mulheres que tiveram portas abertas após a maternidade, dessa forma sentiram-se mais determinadas a realizar seus projetos. Algumas das entrevistadas pensam que mulheres precisam deixar de se sentir oprimidas pelo fato de ter filhos e ir à luta em busca de seus ideais.

Muitas mulheres consideram que amadureceram e se tornaram pessoas melhores após a maternidade. Adaptar-se a nova realidade também é um processo que ajuda ao crescimento profissional, dessa forma muitas mulheres não se sentiram prejudicadas, mencionam que as muitas empresas respeitam e admiram mulheres de garra, que além de mães são profissionais admiráveis.

Nenhuma das entrevistadas detalhou que a empresa em que trabalha disponibiliza um espaço maternal (creche) em que as funcionárias pudessem deixar seus filhos durante a jornada de trabalho, além de assegurar tranquilidade para a profissional-mãe. Tal diferencial traria inclusão social, tendo em vista que o convívio de filhos de mulheres de cargos mais elevados poderia ser no mesmo espaço e nas mesmas condições em que ficariam os filhos das mães que trabalham na produção ou em serviços gerais dentro da organização.

Considerações finais

Com os dados coletados no questionário obteve-se a visão da profissional após a maternidade, mulheres de diversas faixas etárias e formações puderam expor quais foram os sentimentos, dificuldades e adequações necessárias para se preparar para o mercado com o início dessa nova etapa.

Conclui-se que maternidade não é empecilho para quem quer conquistar seu espaço no mercado de trabalho. Os principais desafios são

rótulos a serem desmistificados e como principais dificuldades se ressalta a falta de apoio, incentivo e também de autoestima que em muitos casos faz com que a mulher se afaste do seu profissionalismo para tornar-se apenas mãe, como foi apontado nos resultados, essa escolha traz frustrações em 99% dos casos. Com esse estudo, reafirma-se que é assertiva a escolha de quem opta voltar ao trabalho logo após a licença maternidade, opção que por muitas vezes é mal interpretada.

Sugere-se como pesquisa futura, ampliar e alcançar mulheres de cidades metropolitanas, identificando se profissionais de grandes metrópoles possuem as mesmas dificuldades das mulheres entrevistadas em Campo-Grande-MS, uma capital que visivelmente possui recursos menores comparados às opções que os grandes centros oferecem. E recomenda-se um estudo mais completo que possa apontar soluções que facilitariam a recolocação profissional das mulheres logo após a licença maternidade.

Referências

BAPTISTA, Silvia. *Maternidade e Profissão: oportunidades de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 1995.

BORGES, Carolina. *Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade*, Psicologia em Estudo, Maringá, PR, v. 18 n. 1, p. 71-81, jan./mar. 2013.

CARVALHO, Maria. *Metodologia científica fundamentos e técnicas: Construindo o saber*. São Paulo: Editora filiada a Associação Brasileira dos Direitos Reprográficos (ABDR), 2008.

CIRIBELLI, Marilda. *Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2003.

DINIZ, Debora. Três gerações de mulheres. In PINSKY, Carla; PEDRO, Joana. *Nova: história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografias e Estatísticas. *Censo 2010*. Disponível em: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/sisgran/geo/impressao/BAIRROS.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GOMIDE, Paula. A influência da profissão no estilo parental materno percebido pelos filhos. *Estudos de Psicologia*, Campinas, SP, v. 26, n.1, p. 25-34, jan./mar. 2009.

GOMIDE, Paula. *Pais presente, pais ausentes: regras e limites*. Petrópolis: Vozes, 2014.

HAHNER, June. Honra e distinção das famílias. In PINSKY, Carla; PEDRO, Joana. *Nova: história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

MARIUTTI, Mariana; FUGERATO, Antonia. Fatores protetores e de risco para depressão da mulher após o aborto. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Ribeirão Preto, SP, v. 63 n. 2, p. 183-189, mar/abr, 2010.

MATOS, Maria; BORELLI, Andrea. *Espaço feminino do mercado produtivo*. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana. *Nova: história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In PINSKY, Carla; PEDRO, Joana. *Nova: história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUZA, Girlene; SANTOS, Anacleto; DIAS, Viviane. *Metodologia da pesquisa científica: a construção do conhecimento e do pensamento científico no processo de aprendizado*. Porto Alegre: Editora Animal, 2013.

Recebido em junho de 2019.
Aprovado em dezembro de 2019.